

A ATUAÇÃO DA COMPANHIA NACIONAL DE MINERAÇÃO DO CARVÃO BARRO BRANCO EM SANTA CATARINA: COTIDIANO, DEGRADAÇÃO, MISÉRIA E DOMINAÇÃO

Marcos Juvêncio Moraes¹

Resumo: Este artigo foi elaborado a partir dos resultados preliminares da pesquisa de iniciação científica realizada no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “As experiências educativas promovidas pelas freiras do Instituto Coração de Jesus na Vila Operária de Guatá, da Companhia Barro Branco, em Lauro Müller/SC”. O referido projeto está vinculado ao Programa de Iniciação Científica da Diretoria de Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). O objetivo do texto é analisar como se deram as transformações históricas, econômicas e políticas na Vila Operária de Guatá, Lauro Müller- SC. O período a ser analisado se estende desde o princípio da descoberta do carvão, no final do século XIX, até a incorporação da Companhia Nacional de Mineração do Carvão Barro Branco (CNMCBB) por outra carbonífera, em 1988. Para isto, o presente texto está dividido em cinco partes. Na primeira parte, discutiremos quais foram as primeiras medidas tomadas a partir da descoberta do carvão na cabeceira do Rio Tubarão; na segunda parte, trataremos do surgimento da CNMCBB, sua administração, sua estrutura e as transformações ocorridas na cidade; na terceira parte, discutiremos sobre a implantação das vilas operárias da Companhia Barro Branco, das condições de vida dos trabalhadores e os meios de controle exercidos pela empresa; na quarta parte nos deteremos à Vila Operária de Guatá, enfocando problemas como: mortalidade infantil; vícios e prostituição, condições de trabalho dos operários e as perseguições políticas desencadeadas pelos dirigentes da empresa em relação aos seus trabalhadores e ao movimento sindical mineiro; em seguida, trataremos do encerramento das atividades da CNMCBB, em Lauro Müller; finalmente, apresentaremos algumas considerações sobre a história do carvão no município de Lauro Müller e suas repercussões econômicas, sociais e políticas que incidiram diretamente na vida dos operários e suas famílias.

Palavras-chave: companhia carbonífera – cotidiano – estruturas do carvão

1- Descoberta do carvão na cabeceira do Rio Tubarão

A cidade de Lauro Müller foi o palco da primeira descoberta do carvão mineral, na região sul catarinense, do século XIX. Uma das versões é que essa descoberta se deu pelos tropeiros que vinham do planalto serrano, transitavam pelo vale do Rio Tubarão em direção ao Porto de Laguna e acampavam na localidade que hoje se denomina Barro Branco. Lá utilizaram o carvão, até então não conhecido, para apoiar as painéis onde

¹ Acadêmico do Curso de História da UNESC. Pesquisa orientada pela professora Giani Rabelo. marcosjmoraes@hotmail.com

cozinham sua comida. Ao fazerem isso, os tropeiros notaram que essas pedras queimavam como a lenha utilizada no fogo. (SOUZA, 2002, p.07)

Mas, a descoberta do carvão também pode ter se dado pela procura do ouro e da prata na serra catarinense, em uma época em que a exploração mineral do ouro, da prata e outros minérios geravam grandes riquezas. Foi, então, que por ter uma grande parte de terras na serra catarinense, que Marques D'Arzão desbravou seu território em busca dos minérios tão valiosos, e deparou-se, através de suas escavações, com o que pensava ser prata. Mas tarde, cerca de 1790, Antônio José da Costa e seu filho também se depararam na estrada de Lages com as pedras brilhantes, também pensando ser prata, mas na verdade era pirita, assim comprovando a existência do carvão em Santa Catarina. (DALL'ALBA, 1986, p.340)

Sendo o carvão descoberto pelos tropeiros que desciam a serra para comercializar seus produtos ou por Marques D'Arzão em busca de ouro, o carvão foi descoberto e, a partir de então, muitas pesquisas sobre o mineral foram feitas.

De 1827 a 1860, vários especialistas se dedicaram à tarefa de pesquisar sobre as informações do carvão no sul catarinense, uns a mando do governo, outros por conta própria. Verificaram se o referido mineral tinha possibilidade de exploração econômica. O primeiro especialista veio em 1827, chamado Friedrich Sellow, a mando do governo imperial. Em seguida, vieram outros cinco, por último, em 1839 um geólogo, Júlio Parigot. Este, por sua vez, teve grande destaque em seus estudos, incentivando assim a exploração carbonífera. Também teve a concessão de construir uma empresa para a exploração do carvão nas minas de Tubarão, o que não se tornou possível por falta de capital.

Com a intenção de comercializar o carvão mineral do Vale do Rio Tubarão, o visconde de Barbacena conseguiu com o governo, em 1861, autorização para a exploração do carvão. Mais tarde, formou uma empresa com capital inglês denominada THE TUBARAO BRASILIAN COOL MINING COMPANY LIMITED e uma outra autorização, alguns anos depois, para a construção da estrada de ferro que levaria o carvão das jazidas até o Porto de Imbituba, também em Santa Catarina. E, para a construção da estrada de ferro, foi constituída em 1876, a companhia Inglesa THE DONNA THEREZA CHRISTINA RAILWAY COMPANY LIMITED.

Barbacena começou a exploração do carvão catarinense que estava situado na região onde hoje fica a cidade de Lauro Müller e deveria ser transportado até o Porto de Imbituba para seu comércio. As obras da então estrada de ferro já citada, começaram em

1880 e terminaram em 1884, sendo que o primeiro carregamento de carvão feito para o Porto de Imbituba foi em 1886 (DAMÁSIO, 2000, p.3). A administração do grupo inglês nas minas de carvão catarinense sofre com as crises de produção, pois ainda não havia mão de obra especializada. Os ingleses então, viam um futuro não tão promissor para continuar com essa companhia, assim abandonaram a área minerada e o direito de explorar foi repassado para a empresa Lage & Irmãos, do Rio de Janeiro. Aos poucos, a Lage & Irmãos foi se tornando proprietária de todas as minas de carvão da região da atual cidade de Lauro Müller. A empresa mineradora ficou parada de 1887 até 1916 e, posteriormente, os ingleses perderam o direito sobre a estrada de ferro, que foi repassada para os norte-americanos, sob a administração de Farquhar. Mas a proposta não teve bons resultados e em 1918 a ferrovia passou às mãos de Henrique Lage, firma Lage & Irmãos.

2-Surgimento da Companhia Nacional de Mineração de Carvão Barro Branco

O grupo Lage & Irmãos era formado por Henrique Lage e seus irmãos, Antonio e Américo, eles já possuíam muitas empresas que atuavam no Brasil, sendo algumas delas: de Navegação, de gêneros alimentícios, transporte de rodagem, o Banco Sul do Brasil, além de outras. A compra da carbonífera dos ingleses e a estrada de ferro dos norte-americanos aumenta ainda mais o patrimônio do grupo e dá um novo impulso econômico à região sul de Santa Catarina. A empresa carbonífera que estava parada após a transação de compra e venda, volta a funcionar nas mãos de Henrique Lage em 1916.

O mundo estava sofrendo com as causas e conseqüências da Primeira Guerra Mundial. No Brasil, a crise causa uma grande perda na arrecadação federal. Os preços do café e da borracha baixaram, gerando prejuízo na importação e exportação, de onde eram cobrados impostos. O combustível e a energia também levaram a uma diminuição dos lucros das empresas. Houve uma necessidade de energia e por conta disso viu-se uma saída na ampliação da exploração do carvão mineral como fonte energética.

A firma Lage & Irmãos, a partir de então, começou a extrair o carvão no sul catarinense, visando o novo foco do mercado que era propício e, também as necessidades de suas outras companhias, como a Nacional de Navegação Costeira que transportaria o carvão pelo mar.

A empresa carbonífera não se chamava mais THE TUBARAO BRASILIAN COOL MINING COMPANY LIMITED, passa a ser denominada CNMCBB—Companhia Nacional de Mineração de Carvão Barro Branco. Esta vinha sendo preparada para tornar-se uma sociedade anônima no ano de 1917, mas isso só aconteceu de fato em 1922.

No ano de 1917 já existia uma carbonífera chamada CBCA—Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá, sendo que essa já era uma sociedade anônima. A CBCA estava em crise financeira, não tinha capital suficiente para atingir as metas determinadas. Então, seus proprietários buscaram novos interessados a investirem capital financeiro na empresa. Foi então que, Henrique Lage se tornou o maior acionista da CBCA. Henrique Lage comprou a maior parte das ações da empresa e incorporou mais uma carbonífera entre seu grupo de empresas.

Lage, durante toda a sua vida de empreendimentos, buscou sempre ampliar seus negócios, foi homem de visão empresarial, ampla e por isso conseguiu formar um grande patrimônio empresarial. Entre essas estavam: empresas carboníferas, de transporte —tanto ferroviário como de rodagem— companhia de construção civil, de energia elétrica, de extração de óleo natural, entre outras, formando ao todo 29 empresas que funcionavam sob seu acompanhamento. (SOUZA, 1922, p.93-94)

Possuindo duas carboníferas em Santa Catarina, Henrique Lage precisaria de uma grande equipe para produzir e dirigir as empresas. Buscou assim, ampliar a mão de obra e também engenheiros para dar andamento a essas empresas. Um deles foi Walter Veterlli que ficou na empresa CNMCBB de 1916 até 1941 e após Valdir Cotrin. Os dois engenheiros dirigiram a carbonífera desde o principio e investiram não só em novos métodos de produção, mas também de dominação. Foi na administração de Veterlli que se construiu o castelo de Lauro Müller a mando de Henrique Lage para homenagear sua esposa Gabriela, servindo o castelo posteriormente como casa para os engenheiros dirigentes da empresa. Na administração de Cotrin se construiu as Vilas Operarias com grandes estruturas.

A CNMCBB e a CBCA eram duas empresas carboníferas, pertenciam ao mesmo proprietário, mas eram independentes, ou seja, produziam por si só, não dependiam uma da outra para a extração do carvão.

Além de todo um aparato de dominação e fixação dos operários, à estrutura de produção da CNMCBB estava organizada da seguinte forma: diversas minas espalhadas pela cidade de Lauro Müller, Usinas que forneciam energia para todos as localidades de

suas instalações, nas diversas vilas operárias e para todos os equipamentos da extração do carvão, oficinas mecânicas bem aparelhadas para o concerto das ferramentas usadas no trabalho nas minas, várias máquinas para a lavra do carvão, olaria onde aproveitavam a camada de barro extraída do sub-solo para fazer tijolos e telhas, depósitos para o armazenamento do carvão escolhido e lavado, vagonetes para o transporte do produto extraído, lavadores que faziam todo o processo de beneficiamento do carvão até o estoque, reservas florestais plantadas sobre o rejeito do carvão, serraria que fabricava tábuas para a construção de vagonetes, trilhos, casas e também para os escoramentos das minas.

Apesar da Cia. Barro Branco ter tudo que necessitava para ser uma grande empresa, ela não remunerava o trabalhador de maneira suficiente para a sua sobrevivência. Os trabalhadores de Lauro Müller eram os mineiros mais mal remunerados do sul de Santa Catarina, na região carbonífera. (GOULARTI FILHO, 2004). Por ser apenas a única instalada na cidade exerceu o monopólio da riqueza da localidade, tinha total poder político nas decisões da cidade, moldou tudo a seu ver e às suas necessidades. Muitas greves foram feitas para buscar os direitos dos operários, algumas com vitórias e muitas outras com derrotas, sendo os trabalhadores participantes das greves despedidos.

Por muitas vezes, o sindicato dos mineiros de Lauro Müller deixou de participar das greves mantidas pelo conjunto de todos os outros sindicatos da região sul catarinense, por medo das represálias de que a Cia Barro Branco pudesse vir a fazer. Então, assim acontecia: os dirigentes dos sindicatos de Criciúma iam para Lauro Müller e acampavam na localidade para forçar os trabalhadores a não irem trabalhar, forçando uma greve total dos mineiros, para que assim pudessem todos lutar em união pelo mesmo objetivo, como relata o Sr. Manoel Neri Carvalho, mineiro aposentado da CNMCBB.

No primeiro ano da abertura da CNMCBB, em 1917, a produção de carvão extraído do sub-solo foi de 25 toneladas diárias (BOSSLE, 1981, p.32-33) mostrando assim, que os investimentos estavam sendo bem empregados, fazendo também com que a economia da localidade mudasse significativamente.

Lauro Müller, que era chamada de Minas, enquanto pertencia a Tubarão, pois lá era onde se encontravam as minas carvoeiras, passou com a exploração do carvão a abrigar pessoas de várias localidades e nacionalidades diferentes. Segundo Dall'Alba para Guatá migraram pessoas do Braço do Norte, interior de Tubarão, de Imaruí,

descendentes de Italianos, de Portugueses e Alemães e até nativos da região de Laguna, além de nordestinos e também ex-presidiários reabilitados da Penitenciária Pública de Florianópolis. (DAMÁSIO, 2000, p.5). Até então, esta localidade era um lugar desabitado, havendo apenas alguns agricultores, que mais tarde também passaram a exercer a profissão de mineiro, devido a melhores rendas e melhor status social. E, com a chegada da ferrovia e a instalação da CNMCBB, Lauro Müller passou a ter movimentação constante com a nova atividade econômica. Tornando-se distrito em 1915, vila em 1922, passando a município em 20 de janeiro de 1957.

Em 1922, os Irmãos Lage se associaram a Arnaldo Werneck e Augusto Rocha tornando assim a companhia CNMCBB uma sociedade anônima, com o nome de Companhia Nacional de Mineração do Carvão Barro Branco S/A. (DALL'ALBA, 1986, p.363)

A companhia CNMCBB que vinha crescendo ano a ano importou em 1931, 1.333.795 toneladas de carvão (BOSSLE, 1981, p.62). A partir de 1933, as empresas carboníferas aumentaram sua produtividade devido ao incentivo à exploração do carvão nacional que era visto como uma saída para maior investimento nos produtos brasileiros, mantendo uma estrutura econômica onde o carvão passou a ser a principal fonte de capital para o país, enquanto o mundo vivia a crise da quebra da bolsa de Nova York em 1929.

O poder de transformação dos territórios que a Cia Barro Branco tomava conta é apontado por Belolli, a partir de uma matéria vinculada no jornal "O Direito" de Orleans, de 21 de novembro de 1926:

Lauro Müller, onde a opera firma Lage e Irmãos transformou aquele distrito outrora despovoado numa magnífica vila operaria. Oficinas bem notáveis lá se encontram, como sejam: serraria, ferraria, uma grande charqueada, estabelecimentos munidos dos mais aperfeiçoados aparelhos para a lavagem do carvão, uma ideal fábrica de telhas e de tijolos refratários, sendo tudo isso movido por uma colossal usina elétrica. (BELOLLI, 2002, p.274)

Pode-se notar que Lauro Müller era um lugar praticamente desabitado que foi transformado em um lugar de grande estrutura voltada para a exploração do carvão, mostrando o grande poder da indústria carbonífera Barro Branco na construção das vilas operárias.

3-Vilas operárias da CNMCBB

Com a administração de Veterlli, mais precisamente em 1921, são implantadas algumas casas operárias para fixar o trabalhador perto do trabalho. São as primeiras casas de vila operária de Lauro Müller. Perto da região onde foram construídas as casas da Vila Operaria de Guatá, existia uma localidade hoje denominada de Barreiros, que possuía casas de barro e palha, com armaduras de bambu, certamente essas casas foram construídas por trabalhadores, provenientes das minas da CNMCBB. Esses pequenos casebres não davam o mínimo de conforto ao morador, pois eram frias e não possuíam assoalho, eram de chão batido e nelas ainda tinha barbeiros, insetos causador do mal de chagas. Então nos anos que se seguiram, a Cia Barro Branco construiu casas para melhor acomodar seus trabalhadores e para ter maior controle sobre os mesmos. Algumas das vilas operárias construídas pela empresa foram: Barro Branco velho e novo, Itanema, Lauro Müller (vila no centro da cidade) e Guatá, que será enfocada neste trabalho.

Nos relatórios do DNPM—Departamento Nacional de Produção Mineral, podemos analisar as vilas operárias de Barro Branco velho e surgimento do Barro Brando novo através das descrições feitas sobre as mesmas:

Nas imediações da mina não há propriamente uma vila operaria, na acepção própria do terreno. As casas estão dispersas aqui e alí, compondo um aglomerado de habitações, onde residem os operários com as respectivas famílias. Há, entretanto, mais além, numa localidade que já tomou o nome de “Barro Branco”, um conjunto de casas incluindo uma igreja e escola, desposto paralelamente aos dois lados da estrada que liga Lauro Muller a Treviso, e que se pode considerar como sendo a verdadeira vila operaria com cerca de 60 casas, mais ou menos. (RELATÓRIO do DNPM, 1940, p.121-122)

No mesmo relatório é possível encontrar, também, a descrição da vila de Guatá:

Há um projeto de construção de 2 vilas operarias distintas, ligadas entre si por uma larga avenida com 100 casas cada uma, de construção modesta, mas dotadas de todo o conforto, inclusive água encanada, iluminação elétricas e fossas sanitárias. (RELATÓRIO do DNPM 1940, p.124)

A maior vila operária do município de Lauro Müller, era a que estava localizada no centro.

Conta 120 casas de madeira, todas do mesmo tipo e geminadas. É a verdadeira vila operarias da mina, porque o que há nas mediações do Barro Branco Velho não passa de um aglomerado de habitações mal feitas,

provisórias, que abrigam o pessoal não permanente do serviço. Fato singular: esta vila não é iluminada a luz elétrica, o que contrasta com o resto da localidade, onde residências particulares, bar, cinema, hotel, estação da estrada de ferro, etc., apresentam este imprescindível melhoramento. (RELATÓRIO do DNPM 1940, p.28)

O método de vila operária era eficaz, já existia no Brasil, mas teve seu princípio na Europa, devido à industrialização. A vila operária foi criada para dar maior sustentabilidade de produção às empresas, pois os trabalhadores não precisariam estar se locomovendo em grandes percursos da casa até o trabalho. Esse método de moradia, também surge num âmbito de dominação, onde os burgueses desejavam além de uma produção maior para suas empresas, um maior controle sobre seus empregados para que esses não viessem a causar danos futuros aos seus negócios.

A vila operária além de servir como agrupamento de todos os trabalhadores da empresa, servia para um melhor controle de vida e de produção dos mesmos. Com todos vivendo no mesmo local, os burgueses, patrões, poderiam impor métodos de vivência adequados para uma melhor disposição do trabalhador. (RAGO, 1997, p. 23)

Então, através desse método de construção de uma vila de moradia só para trabalhadores, os patrões teriam uma forma maior e melhor de supervisionar os hábitos, os costumes, as brigas, as relações familiares, a vida em geral de todas as pessoas que viviam na vila, sabendo de tudo o que acontecia com seus empregados. A esse respeito Decca nos faz pensar ao afirmar que:

Os meios operários eram vistos por instituições e grupos dirigentes como extremamente perniciosos para a “moral e a disciplina do trabalho”, focos de agitação e revolta social. Hábitos operários no escasso tempo de lazer eram considerados vícios, e a recreação do operário eram considerados “improdutivos”. (DECCA, 1987, p.89)

O método de vila operária passa a ser mais utilizado com a nova administração da Cia. Barro Branco.

Com a saída do então engenheiro Walter Veterlli que foi transferido para o Rio de Janeiro onde iria exercer a função de administrador dos negócios do Henrique Lage, chegou um outro engenheiro: Valdir Cotrin.

Com a administração de Cotrim novas formas administrativas são instaladas. Devido à alta do mercado carvoeiro, a partir de 1940, novas formas de produção e de dominação foram investidas em Lauro Müller, desenvolvendo métodos mais modernos na extração do carvão e implementando as vilas operárias. Foram construídas para os mineiros: escolas, armazéns, farmácias, consultório médico, ambulatório, redes elétricas

para as moradias, campo de futebol, parque para diversão das crianças. Algumas regalias foram dadas para os engenheiros como piscina e cinema na sede da empresa e também casas de alvenaria. Pode-se aqui fazer uma comparação entre a casa dos trabalhadores que dispunha de dois quartos uma cozinha e uma sala, e a casa do engenheiro chefe da empresa, o castelo,.

Os métodos de dominação dessa administração não eram só o corpo a corpo como fazia na administração de Walter Veterlli, aqui existiu um grande aparato para fixar ainda mais os trabalhadores nos arredores da empresa.

A companhia contava com uma estrutura considerável, com todos os meios para fixar o operário ao trabalho e à vila operária — como a escola, a farmácia, as vendas, o escritório, a higienização das famílias, os clubes, o teatro, o cinema etc. Assim, os operários não precisavam se locomover para fora do local onde moravam, pois tinham tudo o que necessitavam na sua vila operária, a empresa fornecia tudo através de suas instalações.

Foi instalado escritório da CNMCBB perto das casas dos operários, foram desenvolvidos lugares para lazer onde todos se divertiam, existia time de futebol onde os mineiros jogavam (quando havia jogo os mineiros que faziam parte do time eram liberados do trabalho para treinar e jogar). A empresa organizava as festas escolares, fazia festas na cidade para reunir todos os seus trabalhadores. Para reunir todas as pessoas, forneciam transporte gratuito pela ferrovia Tereza Cristina, organizavam jogos de futebol dos times de Henrique Lage contra os times de Orleans, Tubarão, Laguna e Imbituba. A CNMCBB possuía três times de futebol, o time de Guatá com o nome de Clube Guatá, e o time do Barro Branco com o nome de Atlético Mineiro e o time Henrique Lage que carregava o nome do proprietário da empresa. Esses times competiam por todo o Estado de Santa Catarina.

A CNMCBB por ser a única em Lauro Müller, exercia todo o poder político da cidade, mantinha nas suas vilas meios de dominação bastante eficazes sobre os trabalhadores. Isso ocorria através dos clubes onde os mineiros jogavam e criavam vínculo com as cores da bandeira da Cia, através da escola onde moldavam as crianças com os princípios burgueses, do trabalho que exigiam disciplina, nas casas através da higienização, na vila operária em geral, onde todos vigiavam todos. Isso acontecia tanto na vila operária de Guatá como na de Barro Branco e todas as outras dessa companhia. Sempre visando a disciplina para o trabalho, pois o trabalhador passou a cumprir a risca todas as suas obrigações, assim gerando mas lucro para a mineradora.

Rago nos deixa claro, a respeito deste fato, que são muitas as formas de poder e de dominação da classe burguesa sobre o cotidiano do trabalhador, descrevendo que a influência deste poder está na fábrica, na escola, na família, no bairro, na rua, sendo difícil para os operários escaparem e resistirem a todas essas influências. (RAGO, 1997, p.17)

A CNMCBB desde seu principio foi administrada pelo engenheiro Walter Veterlli, esse por sua vez era rigoroso em suas atividades e dirigiu a firma desde 1916 até 1941, quando Henrique Lage morreu.

Luis Fernando Camacho, tesoureiro da CNMCBB descreveu a administração de Veterlli na obra de Dall'Alba da seguinte forma:

Homem energético, espírito batalhador, conseguiu dirigir a Companhia por bem 25 anos. Atravessou diversas dificuldades, sendo a maior no período de 1929 a 1932, anos de grande recessão mundial. Com tino administrativo, paralelamente à mineração, instalou muitos colonos em áreas cultiváveis, arrendando-lhe a terra. [...] Implantava muita disciplina, e recompensava com aumento de salário os que se esforçavam em tarefas. (DALL'ALBA, 1986, p.358)

Percebe-se que o senhor Veterlli era um administrador com grande visão, mas também era repressor e mantinha os empregados no trabalho com rigidez. Fazia, inclusive, vistorias nas casas operárias com frequência de acordo com Luis Fernando Camacho.

Na mesma obra de João Leonir Dall'Alba constam relatos de José Luís, que foi trabalhador da Cia Barro Branco (CNMCBB), sobre seus superiores. Ele descreve então que Walter Veterlli era um homem mau, carrasco, pois a qualquer instante ele poderia aparecer para fiscalizar os trabalhos dos operários. Sobre Valdir Cotrin, diz que era um homem bom, bom até demais, pois foi Cotrin que instalou todas as novas casas, escolas, farmácias etc, em Lauro Müller. Dr Edgar Coelho de Sá era ruim e, houve duas greves por causa do aumento do salário. Rubens da Silveira era regular, o seu defeito era não atender os operários. E Dr Dieter Dihlmann que era homem muito severo. Além desses diretores ainda na Cia. Barro Branco trabalhou Álvaro Catão e Sebastião Neto Campos, de quem seu Neri² relata as seguintes lembranças: “dos catão eu não posso falar nada, porque eram uns jaguara que vieram de Criciúma, igual veio o ‘tião medonho’, Sebastião Netto Campos”. Seu Neri vivenciou uma administração severa da Cia Barro Branco, com o Sebastião Neto Campos como diretor e posteriormente proprietário,

² Manoel Neri Medeiros. Entrevista citada.

denominado pelos trabalhadores de “tião medonho”, pois fazia juízo ao apelido. Sobre isso, seu Neri ainda comenta:

[...] quando o tião veio pra cá, nós já sabíamos que ele era um carrasco, um dia os mineiro pegaram ele e levaram ele pra serra fita e iam atorar ele, daí teve dias que teve proteção de outros e interviram. Ele para cá era um demônio, o homem chegava no escritório da Cia., os funcionários ficavam quase loucos de medo. O Bastião veio para cá dando de relho na turma. Ele invocou-se com o mineiro velho, o mineiro tarefeiro, ele qualquer uma, vinha uma pedrinha de nada num carro de carvão de 800 quilos ele mandava virar na rua, ai o operário perdia. Ai era macaco. (Neri³)

Enfim, tratando das vilas operárias, tomamos Guatá como o foco das pesquisas, pois é uma das vilas que mais se destacou no cenário da política e da situação de pobreza na vida dos trabalhadores.

4-Vila operária de Guatá

Para Margareth Rago, “historicamente a classe burguesa se mostra mais organizada que a classe operária” (1997, p.7). Os burgueses têm consciência de que fazem parte da classe dominante-exploradora da sociedade, já os operários, a classe desfavorecida e explorada pelo sistema capitalista, não têm total consciência de classe social. Por isso, podemos ver através da história, que sempre uma pequena minoria da classe operária buscou se movimentar a favor de seus próprios direitos. Então, por acomodo da classe trabalhadora a burguesia busca um método muito prático e de melhor dominação para agrupar o maior número de empregados de uma mesma empresa em um só lugar, assim poucos supervisores poderiam vigiar muitos trabalhadores ao mesmo tempo. A Vila Operária.

Como este meio de vida para os trabalhadores já existia no Brasil e também na própria cidade de Lauro Müller, foi ao decorrer das explorações de carvão em Guatá que se implantou a Vila Operária na localidade.

No auge da exploração carbonífera, metade do século XIX, a vila de Guatá possuía casas de moradia para a habitação dos operários (com aluguéis simbólicos, mas que deveriam ser pagos), escolas, casas comerciais, igreja, clube de esportes, banda de música, teatro, cinema, clube de baile, farmácia etc. Tudo o que uma pessoa necessitava para viver na vila operária existia, além de ter o escritório da companhia para manter um

³ Manoel Neri Medeiros. Entrevista citada.

controle da localidade e tratar dos assuntos dos trabalhadores sem que eles precisassem sair da vila para irem até a sede da empresa. Assim, a vila se tornou uma mini cidade.

Seria bom ressaltar alguns problemas que existiam neste lugar.

4.1- Mortalidade infantil

Devido a intensa exploração de carvão à céu aberto, desde o ano de 1942, com extração manual e animal, foram geradas pilhas e pilhas de rejeitos, que eram depositados pelas carboníferas da região, sem qualquer preocupação sobre as matas virgens e em riachos e rios. O descuido com a natureza trouxe para população Guataense uma série de doenças que não eram tratadas, pois a vida das famílias mineiras da Vila Operária eram muito difícil. No início, a vila Operária de Guatá, possuía poucas casas individuais, a maioria era geminada, tudo era precário, não havia luz elétrica e nem água encanada nas casas. Poucas pessoas moravam na localidade, e é como diz dona Erotides que foi morar em Guatá na década de 1950: “Quando eu vim pra cá, era fraquinha ainda. Tinham poucas casas. Ali naquela rua tinham casas de ‘lança’”. A casa de “lança” que ela fala, são as casas geminadas, e quando se refere a “fraquinha” é porque não existiam muitas casas, portanto a vila ainda era pequena. A luz elétrica não existia, as casas eram iluminadas à gasômetro, os banhos eram na água gelada ou água esquentada no fogão. A água era ruim, poluída. A água para beber tinha que se buscar nas grotas ou bicas⁴. “Água boa para tomar a gente tinha que buscar lá na ‘grot’”, diz dona Erotides. A água era fornecida pela Cia Barro Branco por encanamentos de muitos anos. Segundo seu Neri há uns 40 anos atrás, esses canos eram de ferro e só eram trocados quando furavam. Então, estavam cobertos de ferrugem, por dentro e por fora, causando danos à saúde da população. Mas, a água não era apenas um fator de doenças, ela causava muitas mortes e essas mortes na sua maioria eram de crianças. “As águas poluídas eram ingeridas pelos moradores que morriam a míngua, sem qualquer cuidado. As crianças que viviam ali morriam quase todas por estarem tomando aquela água poluída.” (Neri⁵)

Quando falamos da água da localidade de Lauro Mülher no período da exploração do carvão, falamos de uma água poluída, sem qualquer tipo de tratamento

⁴ Bicas, eram torneiras que ficavam geralmente nas esquinas das ruas, e ali podia se pegar a água necessária para uso pessoal das famílias.

⁵ Manoel Neri Medeiros. Entrevista citada.

antes de ser distribuída para o consumo da população. O reservatório de água desse local, era desrespeitado sem que ninguém tomasse o devido cuidado com a área de conservação da água. Nele foi encontrado animais mortos e lixo, sendo que não se possuía a consciência de que a preservação da água era de extrema importância para a qualidade de vida daquelas pessoas, segundo Dieter Dihlmann⁶. Além, de não cuidarem da água e de sua forma de distribuição, ainda não tinham o cuidado de tratá-la para uso doméstico, sendo que as famílias a consumiam para sanar todas as suas necessidades. A água poluída fornecida pela Barro Branco era ingerida pelas gestantes, que poderiam adquirir doenças futuras para seus filhos, pelas crianças que adoeciam e, sem o devido tratamento médico, morriam. Outro fato de descuido com a saúde das crianças, era o tratamento com a higienização da família, os moradores da vila de Guatá eram pobres, não tinham condições necessárias para manter suas casas limpas, por sua vez, suas habitações eram pouco higienizadas, sendo então, tão cômodo estar na rua como estar dentro de suas casas. Isto porque a empresa mantinha uma estrutura de vila ampla para facilitar a vida do trabalhador, mas não mantinha o salário necessário para que esses trabalhadores usufríssem de melhores condições de vida. Tornando-se alvos de doenças.

Quando pensamos em mortalidade infantil, não pensamos em um número exagerado de mortes, mas esse não é o caso de Guatá. Nessa vila morriam de 2 a 3 crianças por dia, seu Neri diz que o cemitério “parecia que era uma guerra” de tantas crianças mortas enterradas, uma ao lado da outra. Para se ter uma idéia, era muito difícil o túmulo com uma só criança. Em visita ao local, percebemos que em determinados túmulos foram enterradas até seis crianças. Isso acontecia porque as famílias não tinham condições de fazer túmulos para as crianças, e como havia muitas mortes de crianças em uma só família, todas eram colocadas no mesmo local. A Cia Barro Branco era quem fornecia a “carnerinha⁷” para as famílias.

Seu Neri⁸ perdeu vários irmãos, ainda crianças e até recém-nascidos e sobre isso ele comenta:

Perdi cinco ou seis. Todos pequenos, na base de um ano pra baixo, morria tudo, era difícil, quantos morriam até ao nascer, já nasciam mortos ou nasciam e logo morriam, ou duravam uma semana, ou duravam quinze dias,

⁶ Dieter Dihlmann. Ex-gerente da CNMCBB. Entrevista concedida a Giani Rabelo e Marcos Moraes, em 12 de Outubro de 2006, em Guatá/SC.

⁷ Nome dado ao caixão de madeira, pelos moradores.

⁸ Manoel Neri Medeiros. Entrevista.

vinte dias não sei. Oh era um absurdo o que eu via na minha época aqui, até antes de eu ter essa idade, mais gurizote ai dos meus dez, doze anos, o sino não dava conta de bater. Ah! morreu mais uma criança. Ah! já veio do hospital, já vinha na caixinha e já era enterrada.

As crianças de Guatá morriam à míngua, pois não tinham os devidos cuidados. A população já estava habituada com as mortes. Quem ficava encarregado dos enterros eram as próprias crianças. Elas que carregavam as carneirinhas até o cemitério. Podemos encontrar, como exemplo, no livro “Colonos e Mineiros no Grande Orleans” de Dall’Alba, a informação de que em 1944 foi divulgada a notícia pela rádio de Moscou, de que a localidade de Guatá tinha o maior índice de mortalidade infantil do mundo. (DALL’ALBA, 1986, p.373).

Com o passar do tempo, a vila vai crescendo e vai se modificando, no ano de 1972 foram colocadas instalações novas de água financiadas pelo Estado, e a partir de então, se tem uma diminuição das mortes infantis. A nova água não é mais da represas poluídas por metais pesados derivados da extração do carvão e fornecida pela empresa Barro Branco, agora ela vem da serra, sendo uma água tratada e com melhor qualidade.

4.2- Vícios e prostituição

Os mineiros que saíam para trabalhar de madrugada, voltavam só à noite, pois do trabalho iam se divertir no bar, ou então em casas de prostituição. Uma delas era localiza onde os moradores chamavam de 10. Muitos passavam em casa primeiro para tomar banho, e depois voltavam para a rua para fazer “farra” segundo Dona Erotides⁹. O “10” era constituído por casas de prostitutas, onde a maior parte dos mineiros que as freqüentavam eram os solteiros, mas muitos dos homens casados também usufruíam desses lugares. Normalmente, eram lugares infectos por doenças contagiosas. Ali os mineiros bebiam, jogavam e brigavam na rua.

[...]tinha um bar ali, só esse bar tinha umas 7 mesa de sinuca, o pessoal jogavam baralho e jogavam sinuca e quando se via já vinha aquela arruação, barulho de taco de cadeira e o pau pegava. Isso dava 2 ,3 ,4 brigas por dia.(Neri¹⁰)

Sobre o problema da prostituição e as dificuldades encontradas pelas esposas dos mineiros, Dona Erotides¹¹ relata que “tinha em Lauro Müller um local desse tipo.

⁹ Erotides Nascimento de Souza. Entrevista concedida a Giani Rabelo e Marcos Moraes, em 18 de maio de 2006, em Guatá/SC.

¹⁰ Manoel Neri Medeiros. Entrevista citada.

¹¹ Erotides Nascimento de Souza. Entrevista citada.

Essas mulheres só incomodavam, meu pai era muito danado também, a minha mãe não dava conta”.

Os mineiros trabalhavam o mês inteiro e quando recebiam gastavam o dinheiro com seus vícios ou então com mulheres que ficavam no “10”. A igreja tinha o papel de moldar o povo aos princípios burgueses.

Além dos operários da CNMCBB existiam trabalhadores de outras pequenas empresas em Guatá..

4.3 Condições de trabalho

A Cia Barro Branco, além de ter toda uma estrutura para o beneficiamento e extração do carvão, contratava empresas terceirizadas, para lavrar o carvão das suas minas.

Os empreiteiros tinham seus próprios negócios, eles realizavam trabalhos para a indústria carbonífera em troca de capital. Eles próprios tinham seus trabalhadores, contratavam os seus funcionários, e ficavam encarregados de pagá-los. Eles eram independentes, negociavam onde, como e qual o trabalho fariam para determinada carbonífera. No caso dos empreiteiros de Guatá, todos trabalhavam para a Barro Branco, que exigia dos empreiteiros uma determinada quantia de carvão por mês. Existiam vários deles trabalhando em Guatá. Seu Neri¹² conta algo sobre os empreiteiros:

Ela [empresa Barro Branco] tinha a mineração dela e tinha empreiteiros por fora que tiravam carvão pra ela, então tinha: Tomar Armand, tinha o Lídio Ruzle, tinha Orestes Riguette, João Horácio, tinha João Geremias. Ela tinha, eu acho, quase uns 10 empreiteiros que tinham boca de mina também. Eles tiravam carvão que era levado pra Cia, mas era deles, eles que fixavam, eles que pagavam.

Quando seu Neri fala que tinha quase uns 10 empreiteiros, é importante ressaltar que cada um deles possuía vários funcionários, e muitos desses moravam na vila operária de Gautá, pertencente à carbonífera Barro Branco. Assim, além de manter controle sobre os empreiteiros, a companhia também mantinha controle sobre os empregados dos empreiteiros. Esses empregados, muitas vezes, trabalhavam ilegalmente, ou seja, não eram “fichados¹³”. Seu Néri era um deles, trabalhou 8 anos sem ser “fichado”. Tanto os empregados dos empreiteiros, como os empregados da Cia,

¹² Manoel Neri Medeiros. Entrevista citada.

¹³ Fichado significa estar com a Carteira Profissional assinada, ou seja, ter o emprego registrado na CPT.

esperavam por longo tempo até poderem ser admitidos na Barro Branco, com todos os direitos trabalhistas. Quando trabalhavam ilegalmente, não tinham o direito de reclamar e nem de exigir nada, então a carbonífera pagava salários que não davam nem para manter suas vidas humildes. Quanto a situação dos trabalhadores atuando irregularmente, mais em depoimento do senhor Neri ajuda a ilustrar ainda mais essa situação:

Então, quando eu entrei ainda não tinha esses cartões, pois bater o cartão para 6 horas de serviço é lei. Quando eu entrei ainda era no osso, tinha que tirar tabela. Não tinha hora, senão tirasse, eles botavam prá rua, sabe como é, a lei era seca, além de eu trabalhava a semana inteira na mina. Nos sábados eles já iam antes de nós sairmos para nos escalar pra encher caminhão no domingo, à pá, caminhão de carvão à pá. Era uma escravidão!

A lei pra esses trabalhadores não existia, eram obrigados a se submeterem às cansativas horas de trabalho dentro da mina e fora dela. A tabela que seu Neri fala, é a quantia de carvão que um mineiro era obrigado a tirar por dia, se não tirasse essa quantia em 6 horas de trabalho, ficaria trabalhando até a hora que conseguisse tirar tudo.

E qual eram as condições de trabalho? Os mineiros trabalhavam nas piores condições que existiam. Trabalhavam dentro da água que às vezes chegava até a altura da barriga, assim aconteciam muitas mortes e doenças causadas pela umidade. Na mina existiam muitos fios desencapados e muitos morriam eletrocutados. O trabalho era manual e o carvão era retirado à picareta, não tinham proteção como capacetes e havia bastante desmoronamento do teto da mina, por isso, houve muitas mortes causadas pelos desmoronamentos.

4.4 Perseguições

Guatá era uma Vila Operária violeta, cheia de vícios, de mentira, de intrigas, mas sem dúvida de uma grande dominação e repressão, exercida por parte da grande empresa que tinha o poder em suas mãos, a Cia Barro Branco.

Com o devido poder político da Cia Barro Branco, havia na vila perseguições de operários, pois esses eram contra os princípios dos burgueses, dos dirigentes da companhia. Esta que mantinha uma vigilância diária sobre os seus empregados, para que esses se sentissem reprimidos e não pensassem em participar de movimentos sociais e fazer parte do sindicato.

No período militar, várias perseguições foram feitas aos operários, por irem contra a ideologia imposta. Operários esses que foram taxados de comunistas, mesmo

sem saber exatamente que comunismo era esse. Os comunistas então, sofreram grande repressão e foram obrigados a cair na clandestinidade, pois se não seriam presos e torturados. O partido comunista ainda não existia na região, mas na cidade de Lauro Müller e aos arredores tinham muitos adeptos. Existiam no período da ditadura militar três partidos fortes na região: a UDN, o PTB e o PSD, partidos esses que lutavam entre si pelo poder. A UDN era o partido dos burgueses. Esse partido era o partido da Cia Barro Branco, e era o partido de maior poder na cidade de Lauro Müller. Foram tantas as repressões da empresa, movida pelo partido, contra os trabalhadores, que eles criam um sentimento de repúdio contra a UDN, e aí seu Neri comenta: “Se me der um caminhão ou uma carreta de dinheiro, eu não voto nunca nesse partido, pode ser um pai meu que já morreu se fosse candidato eu não votava, por o que eles fizeram aqui.”

Seu Neri aposentado como mineiro pela Cia Barro Branco afirma que nunca votaria na UDN pelo fato de ela controlar tudo o que existia na cidade de Lauro Müller, e que apenas complicavam mais a vida do trabalhador, ao invés de facilitar. Esse partido controlava a área da saúde: hospital, INPS, e todos os operários que eram do lado contrário da UDN não tinham chance de começar uma carreira na mina com todos os direitos trabalhistas obrigatórios. Então, nasce um sentimento de desgosto pela UDN, pela Barro Branco, por tudo que era controlado sob esse olhar dos dominantes.

A relação entre partido e empresa em Lauro Müller era muito forte, a empresa usava suas instalações para fazer propaganda política do partido. Nas minas levavam propaganda dos candidatos para colocar “no caminhão, nos carrinho de carvão, até nos capacete do operário.” Para intimidar os trabalhadores mais novos ameaçavam com a demissão se não votassem no partido da empresa. Quem se manifestava contra as propagandas era colocado no pior serviço que existia dentro da mina, servindo assim como exemplo para os outros. Conta ainda seu Neri.

A repressão política fez parte do cotidiano dos moradores de Guatá e das demais vilas operárias de Lauro Müller, uma vez que a Cia Barro Branco pretendia dominar não só economicamente o lugar, mas também ideologicamente.

5. Encerramento das atividades da Companhia Nacional de Mineração do Carvão Barro Branco em Lauro Müller

Após a morte de Henrique Lage em julho de 1941, a empresa e todo o patrimônio que Lage adquiriu em sua vida, passou para as mãos de Gabriela Bezanoni,

viúva de Lage. O então engenheiro da Barro Branco Veterlli, foi para o Rio de Janeiro administrar os negócios de Lage. Sendo que o engenheiro a substituiu foi Cotrin, e após alguns meses na administração da empresa, a viu ser encampada ao patrimônio nacional pelo governo Vargas. Temos então, dois motivos que legitimaram o encampamento do patrimônio de Gabriela: primeiro, as empresas de Lage desde o final dos anos 30, já vinham sofrendo dificuldades com as diversas dívidas crescentes, não tendo condições suficientes para aumentarem a produção carbonífera, de acordo com a demanda nacional; segundo, Gabriela Bezanoni, única herdeira de Henrique Lage, era italiana, e com o nacionalismo de Vargas e o encampamento, legitimado pelo decreto-lei 4.648 de 2 de setembro de 1942, os bens da então proprietária passaram ao controle do Estado (MORAES, 2006).

A partir do ano de 1942, as empresas carboníferas, assim como o porto de Imbituba e todo o resto do patrimônio Lage, passaram a depender de investimentos governamentais. Toda a atividade carbonífera vinha de encontro ao suprimento das necessidades do País, isto devido à Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil não podia importar carvão estrangeiro para produção siderúrgica. Então, ficou a cargo das empresas carboníferas brasileiras lavrarem o carvão suficiente para as necessidades da nação.

Do ano de 1942 até 1946, o patrimônio que Lage deixou para Gabriela ficou sob responsabilidade da União. Após julho de 1946, no decreto 9.521, com o governo Dutra, uma parte deste patrimônio foi devolvida para a proprietária Gabriela e, uma outra parte continuou sob a administração da União. A parte devolvida ficou sob a administração dos engenheiros das empresas, até que, Gabriela passa para propriedade de Francisco Catão as empresas carboníferas CNMCBB e CBCA, assim como o porto de Imbituba. (MORAES, 2006)

Francisco Catão permaneceu com as empresas 22 anos, isto é, de 1946 até 1968, passando pela Barro Branco neste período diversos diretores, são eles: eng. Valdir Cotrin que voltou a assumir a direção, eng. Mário Balsini e Henrique Martins, esses de 1943 à 1950. De 1950 a 1952, foi novamente o Walter Veterlli, após Edigar de Sá, 1952 a 1968, e por último Rubens da Silveira de 1962 a 1967. (CAMPOS, 2001, p.151)

Francisco Catão após as sucessivas crises do carvão a pós a Segunda Guerra, procura novos compradores em 1968 para as carboníferas catarinenses, Sebastião Neto Campos que já trabalhava na CBCA sob o comando do Francisco, une-se a Álvaro Catão irmão de Francisco Catão, proprietário das carboníferas, e compram as empresas.

Com os novos proprietários das carboníferas, Dieter Dihlmann foi elevado de gerente a diretor da Barro Branco.

Sebastião e Álvaro criaram em 1970 a Fazenda Castelo Ltda. para desenvolver a atividade agrícola. Ainda em 70, criaram a Indústria Brasileira de Coque S/A, com a finalidade de aproveitar o fino do carvão na produção do carvão coque, e em 1980 em paralelo a Barro Branco, criaram uma empresa chamada Ibracoque Mineração (Ibramil), com a finalidade de aumentar a produção carbonífera. As empresas Barro Branco, Ibramil e Ibracoque permaneceram sob o controle de Álvaro e Sebastião até 1988, pois já vinham de um grande período de crises financeiras, pelas sucessivas mudanças na administração do carvão nacional. A Ibramil foi vendida aos Ronsoni e a Barro Branco foi comprada pela Carbonífera Catarinense. A Ibracoque foi sendo progressivamente desativada e a CBCA passou por um longo processo judicial até ser transformada em cooperativa, em 1987. (CAMPOS, 2001, p.235-236)

Considerações Finais

Toda atividade econômica ligada a extração do carvão em Santa Catarina trouxe consigo grandes mudanças econômicas para as cidades onde havia minas, mas também grandes impactos ambientais, deixando como herança imensas áreas degradadas. Em Guatá, a vida da população sempre foi em função da exploração do carvão, lá se instalou a Cia. Barro Branco, que praticamente fundou a cidade. Exerceu um grande poder político e econômico e assim, passou a controlar todos os passos de seus trabalhadores e moradores, por meio de seus diretores, como os engenheiros Veterlli, Cotrin, Dieter Dilmam e Sebastião Neto Campos. Todos visavam o lucro da empresa, mas cada um com seu jeito de comandar. A CNMCBB foi uma continuação da companhia criada pelo visconde de Barbacena, e posteriormente foi incorporada pela companhia Catarinense, mineradora de carvão. Esta, por sua vez, ainda atua na atividade carbonífera em Lauro Müller.

As condições de trabalho dos operários da CNMCBB sempre foram muito ruins, mas esta precariedade se entendeu também as vilas operárias, principalmente a Vila Operária de Guatá. A água poluída é um exemplo da maior mortalidade infantil do mundo registrada no ano de 1944, em Guatá. As autoridades da cidade nada faziam, pois estavam submissas a Cia. Barro Branco. Os trabalhadores que lá habitavam não tinham condições de viver dignamente, era um lugar violento e miserável. Todas as

famílias que lá viviam tinham o desejo de morar em outro lugar, quando pudessem se livrar das “garras” da Barro Branco.

Por atitudes assim, como estas tomadas pela Cia Barro Branco, é que ela e seus dirigentes, até os dias de hoje, são repudiados pelos moradores do lugar, uma vez que ainda conservam em suas memórias as atrocidades sofridas por muitos operários e suas famílias.

Referências

- BELOLLI, Mario et al. **Historia do carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.
- BOSSLE, Ondina Pereira. **Henrique Lage e o desenvolvimento sul catarinense**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.
- CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma biografia com um pouco de história do carvão catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001.
- CARDOSO, Flávio Jose. **Guatá**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- DALL'ALBA, João Leonir. **Colonos e mineiros no grande Orleans**. Edição do Autor: Orleans, 1986.
- DAMAZIO, Ademir. **O desenvolvimento de conceitos matemáticos no contexto do processo extrativo do carvão**. Florianópolis: UFSC/CCE, 2000. (Tese de Doutorado)
- DECCA, Edgar de. **O nascimento da fábrica**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GOULARTI FILHO, Alcides (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2005.
- MORAES, Fabio Farias. **O porto carvoeiro na formação do complexo carbonífero catarinense: a disputa entre Laguna e Imbituba**. Criciúma: UNESC, 2006 (Monografia de Graduação)
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RELATÓRIO DO DNPM. **Estratigrafia do carvão em Santa Catarina**. Boletim n. 104, Rio de Janeiro, 1940.
- SOUZA, Walmir. **A história de Lauro Muller**. Lauro Muller: Editora do Autor, 2002.